

## **VIOLÊNCIA E SUBALTERNIDADE – DOIS CAMINHOS QUE SE CRUZAM NA HISTÓRIA DA MULHER AFRO-BRASILEIRA: UMA POSSÍVEL LEITURA DO CONTO *MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO***

Celiomar Porfírio Ramos (UNEMAT)<sup>1</sup>  
Rosineia da Silva Ferreira (UNB)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo realizar algumas considerações acerca da subalternidade da mulher negra brasileira, tendo como base o conto *Maria* do livro *Olhos D'água* (2016), da escritora mineira Conceição Evaristo. As reflexões propostas a partir do conto supracitado são estruturadas sob a hipótese de que a literatura produzida por essa escritora é tomada como arma a fim de denunciar aspectos relacionados a mulher, voltando seu olhar especialmente, à mulher negra marginalizada, pobre, vítima da violência e de uma sociedade patriarcal. A mulher negra neste contexto é colonizada duplamente, por viver em uma sociedade patriarcal já instituída e por sua cor. A linha de pesquisa na qual se insere este trabalho é literatura e vida social e, por isso, tomando o texto literário para refletir sobre a sociedade. A fim de sustentar teoricamente o trabalho temos como base o texto de crítica literária de Antonio Candido *Literatura e Sociedade* (2006) e de outros teóricos e críticos que seguem a mesma linha de raciocínio.

**Palavras-chave:** Literatura; Mulher Negra; Subalternidade.

Ainda hoje somos surpreendidos com as tentativas de silenciamento das mulheres, sobretudo, as mulheres negras oriundas da periferia. No dia 14 de março de 2018 fomos notificados através dos noticiários e pelos compartilhamentos nas redes sociais do assassinato brutal, com 4 tiros na cabeça, da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco. A 5ª vereadora mais votada no Rio de Janeiro - mulher, negra, bissexual e proveniente da periferia - era uma figura que se destacava pelo seu envolvimento com questões relacionadas a raça e ao gênero. Apesar da visibilidade que essa mulher possuía, ela foi silenciada de forma bárbara. Tal fato nos leva a pensar sobre as mulheres anônimas – negras e oriundas da periferia – que diferente de Marielle Franco, não têm voz e visibilidade na sociedade.

Quando propomos discutir um tema relacionado a gênero devemos considerar alguns elementos que são essências para refletir sobre o assunto, sendo um deles o fato de que não podemos discorrer sobre as ditas minorias, aqui nos propomos a tratar sobre as mulheres, como se elas estivessem todas num mesmo patamar, pois como afirma Piscitelli (2009, p. 124) “hoje em dia, ser mulher [...] varia muito de acordo com o

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Literários (UNEMAT), Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT), Graduado em Letras e Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (UFMT). Contato: celiomarramos@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Literários (UNB), Graduada em Letras (UFMT). Contato: rosineia\_ferreira@yahoo.com.br

lugar, a classe social, o momento histórico”.

Entendemos que a mulher negra é duplamente subalternizada primeiramente por ser mulher e, não menos importante, em virtude de sua etnia/raça. Estabelecendo diálogo com o exposto, a filósofa estadunidense Judith Butler (2017) fomenta que se alguém “é” uma mulher isso não é tudo, pois o gênero, por não se representar de maneira coerente no que diz respeito ao contexto histórico, estabelece diálogo com outros aspectos, dentre eles podemos citar os raciais, classistas, étnicos, sexuais e regionais. Sendo assim, “se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ de interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (BUTLER, 2017, p. 21).

É pensando no entrelaçamento, sobretudo na relação gênero e etnia/raça, que propomos tratar sobre a importância da escrita da mulher afro-brasileira, problematizando a representação da mulher negra a partir da perspectiva da escritora Conceição Evaristo, tendo como objetivo realizar uma análise interpretativa do conto *Maria*, que compõe a obra *Olhos D’água* (2015).

Ao propormos realizar reflexões sobre o tema acima citado a partir de um texto literário, devemos ter consciência que o escritor não cria do nada. Segundo o professor e crítico literário Abdala Junior (1989, p. 23) para que uma produção literária seja materializada, o escritor absorve os substratos da sociedade e os metamorfoseia em sua escrita. Partindo dessa premissa, afirmamos que, entre outros elementos, o autor produz a partir de sua realidade social.

A autora em questão é mulher, negra, oriunda da periferia e possibilita, por meio de sua escrita, discutirmos sobre a representação da mulher, em especial, da mulher negra. Sendo assim, podemos atribuir a autoria da afro-brasileira Conceição Evaristo, no cenário literário brasileiro, grande importância por oportunizar, através de sua produção, que a mulher negra seja sujeito e objeto da escrita (LOUSADA, 2013, p. 5), em uma sociedade onde a ela, em sua maioria, não tem lugar de prestígio na sociedade, ao contrário ocupa um lugar marcado historicamente pela subalternidade e pela violência.

A carga pesada deixada pela escravidão ecoa até os dias de hoje, pois as mulheres negras não eram e não são concebidas como mulheres do mesmo modo que as brancas, segundo Piscitelli (2009, p. 141) “elas foram constituídas *simultaneamente*,

em termos sexuais e raciais, como fêmeas, próximas dos animais, sexualizadas e sem direito [...]. Nesse sistema, só as mulheres brancas foram constituídas como mulheres” (grifos do autor). Os anos passaram e apesar das inúmeras conquistas das mulheres negras em diferentes segmentos da sociedade, ainda há resquícios da subordinação dessas mulheres. Tal proposição se confirma, de acordo com os apontamentos de Santos:

As mulheres negras são a parcela mais pobre da sociedade brasileira. No mercado de trabalho elas possuem as condições de trabalho mais precárias, tem os menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego. Em grande maioria ocupam cargos inferiores, subalternos, desvalorizados, com baixos salários, devido a pouca qualificação profissional por falta de oportunidades, têm maior dificuldade de completar a escolarização, além de possuir chances ínfimas de chegar a cargos de direção e chefia que refletem a baixa qualidade de vida social (SANTOS et al, 2017, p. 7)

O exposto por Santos demonstra que, ainda hoje, há diversos fatores que intensificam a subalternidade da mulher negra em diferentes segmentos da sociedade. A escrita de Conceição Evaristo pode ser definida como literatura marginal por evidenciar em suas produções personagens que por um longo período estiveram ausentes do cenário literário e quando apareciam estavam em posição secundária, sem voz e, na maioria das vezes, estereotipados, como é o caso das representações das mulheres negras. A respeito disso, Silva e Silva (2010, p. 4) afirmam:

A mulher também ficou, por longas décadas e séculos, com um papel secundário nas obras literárias. Aos homens eram dedicadas as principais personagens, as discussões, aventuras e reflexões. [...] nas narrativas de autores masculinos, tudo tem uma perspectiva e um direcionamento totalmente masculinos, como se todos os seus leitores também o fossem. Logo, as personagens femininas ficam deixadas em um segundo plano, seguindo paradigmas de estereótipos e papéis.

Um elemento que complementa o fator acima citado, e que demonstra a importância da pesquisa, diz respeito ao fato de buscarmos compreender a autorrepresentação da mulher, ou seja, o olhar da mulher negra sobre si, pois os textos literários no Brasil foram, em sua maioria, escritos por homens, brancos, oriundos dos grandes centros e pertencentes à classe média.

Pretendemos discutir essa temática, tendo como base o texto literário de uma autora afro-brasileira, considerando o fato de que a autora, por vezes, se posiciona enquanto mulher negra que escreve e, por isso, aborda a dupla condenação da mulher negra, primeiro por ser mulher e segundo, mas não menos importante, por ser negra. Outro aspecto abordado na escrita de Conceição Evaristo em diálogo com os já expostos é a classe social, trazendo assim três elementos que se entrecruzam em sua produção: gênero, raça e classe social.

A literatura torna-se uma arma que contribui para romper o silenciamento imposto às mulheres negras. As escritoras afro-brasileiras, neste contexto, utilizam a literatura como uma forma de romper com as mordidas que as silenciavam ao longo dos anos.

Ao escrever sobre as mulheres negras, classe a qual pertence Conceição Evaristo, sua escrita torna-se um meio de denúncia, conforme pondera Souza (2013):

Os discursos proferidos pelas escritoras Alzira Rifino e Conceição Evaristo nos levam a inferir sobre o termo subalternidade um novo sentido, uma vez que fazem da escrita poética uma forma de denúncia, revolução, contestação dos parâmetros sociais estabelecidos, uma forma de testemunho.

Considerando o exposto entendemos que a escrita de Conceição é uma forma de proporcionar reflexões sobre a condição da mulher negra na atualidade e a perpetuação da subalternidade da mulher negra, visando ecoar vozes que foram silenciadas ao longo dos anos, por meio de sua escrita, como um ato político de luta e resistência (SOUZA, 2013).

A produção literária da escritora em questão pode ser vista como uma forma de conscientização política e social que luta para combater a subalternidade, contra a opressão e a exclusão da mulher negra. Dialogando com o exposto, Silva (2006), mencionado por Ramos e Araújo (2014, p. 2), pondera que a literatura negra, ou seja, produzida por escritores negros, instaura “um discurso que constrói e assume uma identidade afro-brasileira e engaja-se num projeto político de repúdio ao racismo e as suas manifestações e de combate às desigualdades sociais”.

Não temos como objetivo utilizar o texto literário de Conceição Evaristo como pretexto para compreender aspectos históricos relacionados a mulher negra brasileira,

mas como um instrumento que possibilita estabelecer uma análise literária considerando as premissas de Antonio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006), ao afirmar que para compreender uma obra literária devemos considerar o texto e o contexto numa concepção dialética.

O conto selecionado para análise é intitulado *Maria*, que tem como protagonista uma empregada doméstica negra que está retornando para sua casa, de ônibus, em uma segunda-feira, após o trabalho.

O conto em questão nos possibilita realizar algumas reflexões sobre o lugar da mulher negra constituído historicamente na sociedade brasileira. Maria representa uma classe: mulheres negras, pobres e marginalizadas, que vivem sozinhas, criam seus filhos, responsáveis pelo sustento de sua família, vítimas de opressão e que, apesar de buscar certa autonomia, não conseguem solucionar seus problemas e, conseqüentemente, tornam-se vítimas da dificuldade de impor sua identidade de mulher negra independente (FRAZÃO, 2015, p. 8).

A personagem demonstra, segundo a análise realizada, a subordinação da mulher negra a um sistema de trabalho que impõe a inferiorização de sua condição social. Tais proposições são sustentadas pelo fato da personagem protagonista do conto, Maria, ser uma empregada doméstica e viver em condições precárias, necessitando das sobras da casa da patroa para se alimentar e manter seus filhos:

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela leva para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinha enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os ossos, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegará numa hora. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão (EVARISTO, 2016, p. 39).

É possível inferir que a pobreza faz parte da realidade da personagem. Ao tomar o ônibus um homem se aproxima de Maria para conversar. Algumas pessoas observaram que antes do assalto ao ônibus acontecer, Maria havia conversado com um dos assaltantes, o pai de um de seus filhos e, por conseguinte, acusaram a personagem de ser cúmplice do crime. Vale mencionar que todas as acusações que foram destinadas a ela, vinham acompanhadas com o termo “negra”:

Ouviu uma voz: negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois; (EVARISTO, 2016, p. 41)

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos tornou-se um grito: aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões;

Olha só que, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher; (EVARISTO, 2016, p. 42)

É interessante pensar que o termo “negra” nos fragmentos acima estão relacionados com palavras que visam depreciar a mulher negra, colocando-a não como vítima da sociedade, mas como responsável pela desordem social.

Um elemento que deve ser levado em consideração na leitura do texto é o fato de que estamos inseridos numa sociedade marcada pelo patriarcado, definido como “um sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem” (PISCITELLI, 2009 p. 131). Tal fato influencia no enredo do conto, pois o ladrão que assaltou o ônibus – homem -, conseguiu se evadir do local. Já a mulher tida como o sexo frágil, concepção construída socialmente, permanece no ônibus, sendo sujeitada a violência.

O fim da mulher negra, protagonista do conto de Conceição Evaristo é a morte, ocasionada por parte da sociedade que a responsabilizou pelo assalto ao ônibus:

Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha! Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria [...] Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos [...] Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (EVARISTO, 2016, p. 42).

Infelizmente a história da mulher negra é marcada pela violência, discriminação e pela subalternidade que, ao longo dos anos, vem se perpetuando e se remodelando na contemporaneidade.

A violência contra a(s) mulher(es) na sociedade não se detêm, apenas, às agressões verbais. Ela(s) também é vítima de agressões físicas. Dialogando com o exposto, Piscitelli (2009) apresenta dados referente a pesquisa “A mulher brasileira nos espaços públicos e privados” realizada com 2,502 mulheres em todo o Brasil pela Fundação Perseu Abramo, em 2001, acerca da violência sofrida por mulheres e afirma

que:

[...] 43% das entrevistadas mulheres, tinham sido vítimas de algum tipo de violência, cometida por um homem. Uma parte (11%) afirmou ter sido espanca, na maioria das vezes por companheiros (maridos ou namorados) ou ex-companheiros. Considerando-se que 31% delas afirmavam que isso havia acontecido no último ano antes da entrevista, chegou-se ao cálculo de que a cada quinze segundos uma mulher é espancada no Brasil. Quando o entrevistador nomeava outras formas de violência, os números aumentaram: 33% sofreram violência física (ameaças com armas, agressões físicas, estupro conjugal ou abuso).

Os dados apresentados por Piscitelli nos dão uma breve noção do quanto a mulher na sociedade brasileira é vítima de violência. Apresentando dados mais recentes segundo o Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil<sup>3</sup> (Flacso/OPAS-OMS/ONU Mulheres/SPM, 2015), o Brasil está entre os países com maior índice de homicídios femininos, ocupando a quinta posição. Vale ressaltar que houve um aumento significativo, cerca de 54%, de homicídios de mulheres negras em 10 anos:

O Mapa também mostra que a taxa de assassinatos de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. Chama atenção que no mesmo período o número de homicídios de mulheres brancas tenha diminuído 9,8%, caindo de 1.747, em 2003, para 1.576, em 2013<sup>4</sup>

Os dados acima apresentados corroboram com nossa perspectiva de que a violência perpassa a vida da mulher negra brasileira não só nos textos literários, como o proposto para análise neste trabalho, mas faz parte do cotidiano da mulher negra.

Faz-se necessário (re)pensar sobre o local a mulher negra na sociedade e desconstruir esse estigma de subalternidade que ela carrega, fruto da colonização que se reverbera ao longo dos anos até os dias de hoje. O texto literário, neste contexto, é

---

<sup>3</sup> O Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil foi elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), com o apoio do escritório no Brasil da ONU Mulheres, da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) e da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

<sup>4</sup> Dados obtidos em Agência Patrícia Galvão. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/pesquisa/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil-flacsoopas-omsonu-mulheresspm-2015/>. Acesso e 13 de maio de 2018.

importantíssimo, por denunciar, trazer ao âmbito acadêmico, como protagonistas uma camada da sociedade que foi silenciada e vítima da violência ao longo dos anos. Um elemento importante é que não devemos pensar sobre gênero de forma desconexa, pois quando tratamos de mulher, não devemos julgar que, apenas o fato de ser mulher molde seus caminhos, há outros elementos que em confluência intervêm no aspecto “ser mulher”, dentre eles, como observamos ao longo do texto, as questões relacionadas a raça e a condição social.

O fato de ser mulher, negra e oriunda das zonas periferias corroboram consideravelmente para o alto índice da violência contra as mulheres negras, conforme observamos no exemplo factual citado no início deste trabalho, da vereadora do Rio de Janeiro assassinada brutalmente ou no âmbito literário, com a trágica amostra do conto *Maria*. Realidade e ficção, neste contexto, não andam tão distantes uma da outra.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Cap. 1, pp. 17-60)

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Nobre Azul, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FRAZÃO, Idemburgo. Nas margens da memória: reflexões sobre marginalidades nas narrativas de Conceição Evaristo. *XIV Congresso Internacional ABRALIC*, 2015 (anais). UFPA, Belém – PA



LOUSADA, Isabel. A voz silenciada da literatura brasileira. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos). 2013. p. 1-9.

PISCITELLI, Adriana. “Gênero: a história de um conceito”. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; SZWAKO, J. (org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. pp. 116-148.

RAMOS, Lissandra da França; ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. Autoria afrofeminina e representação da mulher negra: revelações do eu-mulher. *Anais do II Colóquio internacional Literatura e Gênero: relações entre gênero, alteridade e poder*. FUESPI, Teresina, 2014

SANTOS, Maria Santana dos; QUEIROZ, Josiane Mendes de; LUZ, Rafaela Araújo da; OLIVEIRA, Samara Barroso. DESIGUALDADES DE GÊNERO: a mulher negra no mercado de trabalho. *VIII Jornada Internacional Políticas Públicas*. 2017. Disponível em:

[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/desigualdadesdegeneroamulher\\_negranomercadodetrabalho.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/desigualdadesdegeneroamulher_negranomercadodetrabalho.pdf). Acesso em 10 de maio de 2017.

SILVA, Luís Cláudio Ferreira; SILVA, Marisa Corrêa. A personagem feminina em Saramago. *II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: Diversidade, Ensino e Linguagem*, UNIOESTE - Cascavel / PR, 2010

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. *Poesia feminina subalterna negra: uma voz de resistência*. *Nau Literária: crítica e teórica de literaturas*. PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, Vol. 9, nº 01, jan/jun2013. Dossiê: Voz e Interculturalidade.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. 1ª Edição. Brasília – DF, 2015.